

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-967-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E “O AUTO DA COMPADECIDA”: A COMICIDADE COMO DENÚNCIA SOCIAL E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Larissa de Souza Ferraz

Alice Oliveira Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207021>

CAPÍTULO 2..... 14


FEMINISMO DECOLONIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NA BASE DE DADOS SCOPUS

Lucas da Costa Souza

Milena Rafaela Souza Silva

Carla Gabrielle Galvão Melo

Eleci Teresinha Dias da Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207022>

CAPÍTULO 3..... 26

RESGATAR E TRANSFORMAR: UM GRITO DE SOLTURA QUE ECOA NO BRASIL

Alanna Beatriz de Paula Alves

Juliana Santos Graciani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207023>

CAPÍTULO 4..... 35

NECROPOLÍTICA NO ESTADO BRASILEIRO: QUEM DEVE VIVER?

Maíry Aparecida Pereira Soares Ribeiro

Ondina Pena Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207024>

CAPÍTULO 5..... 42

O DIREITO A RESPIRAR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA


Hugo Gabriel de Souza Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207025>

CAPÍTULO 6..... 50

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXOS DA PANDEMIA

Alessandra Chaves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207026>


CAPÍTULO 7..... 62

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE EMOCIONAL DE UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA

Emily Lemes Moisés

Maura Fernandes Sernichiario


Fernando Faleiros de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207027>

CAPÍTULO 8..... 74

ADOLESCÊNCIA E VIVÊNCIA DO VAZIO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Anna Julia Fontana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207028>


CAPÍTULO 9..... 89

AS INTERVENÇÕES SOCIAIS EXTERNAS AO QUILOMBO E O IMPACTO DESTA NA AUTOESTIMA DA MULHER AFRODESCENDENTE

Mariane Rodrigues Duarte

Fabricao Malaquias Pereira

Gabriela Buchli


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207029>

CAPÍTULO 10..... 111

LAZER COM REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (SOCIALIZAÇÃO EM UMA NOVA ETAPA DA VIDA)

Bárbara Cardoso da Costa Santos

Madalena Pedroso Aulicino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070210>

CAPÍTULO 11..... 122

ENVELHE (SENDO) EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Nathália dos Santos Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070211>

CAPÍTULO 12..... 138

PRÁTICAS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcos Alexandre Alves

Josiane Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070212>

CAPÍTULO 13..... 151

MOVIMENTOS E COLETIVOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE ENQUANTO AGENTES DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Bianca Rocha Fiuza Sátiro

Maria Vanessa de Souza Araújo

Nara Raysa de Souza

André de Lima Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070213>


CAPÍTULO 14..... 156

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES: REFLEXÕES

PSICOSSOCIAIS A PARTIR DE CONTEXTOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Dênis Wellington Viana


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070214>

CAPÍTULO 15..... 174

ITINERÁRIOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A FAMÍLIA DE USUÁRIOS DE UM CAPS DE BELÉM: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA

Renata Raiol Magalhães

Lucivaldo da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070215>

CAPÍTULO 16..... 185

ANÁLISE DA PERSONALIDADE DE UMA EQUIPE DE CONTABILIDADE: UM ESTUDO PELO TESTE PALOGRÁFICO

Camila Espíndula da Silva

Bianca De Bem Lucas

Edinara Bellini Taetti

Josemara dos Santos Rodrigues

Suélen Rocha Centena Pizarro

Andreia Quadros Rosa

Lenise Alvares Collares

Stefânia Martins Teixeira Torma

Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070216>

CAPÍTULO 17..... 196

EPIDEMIOLOGIA OU INDÚSTRIA DE AUTISMO? ANÁLISE DOS EFEITOS PROVOCADOS PELA MUDANÇA NO DSM-V E A BUSCA DE PRÁTICAS TERAPÊUTICAS PARA A “CURA DO AUTISMO”

Alcione do Socorro Andrade Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070217>


CAPÍTULO 18..... 208

O QUE PREDIZ O ENVOLVIMENTO PARENTAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES?

Myrian Machado de Paula Silveira

Vinícius Junio Goes da Silva

Leonardo Vasconcellos Munayer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070218>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 216

ÍNDICE REMISSIVO..... 217

O DIREITO A RESPIRAR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Data de aceite: 01/02/2022

Hugo Gabriel de Souza Vaz

RESUMO: Esse texto foi construído diante do contexto brasileiro de ser um dos epicentros globais da pandemia de COVID-19 no ano de 2021, onde um série de ações necropolíticas alinhadas ao uma lógica perversa do neoliberalismo assassinam parcelas vulneráveis de nossa população. Apoiado nos conceitos de Achille Mbembe, podemos analisar o discurso que articula a crise sanitária brasileira, as demandas das elites econômicas, a atual configuração da gestão estatal de investimentos públicos e perceber como se expressa a lógica necroliberal que vai de encontro aos interesses da população. A invisibilização das vulnerabilidades, a corrupção governamental, a precarização da saúde, sucateamentos dos serviços públicos, negacionismo científico, a subnotificação epidemiológica se somam ao racismo estrutural a fim de normalizar, normatizar e naturalizar as mortes da população pobre, negra e periférica.

PALAVRAS-CHAVE: Necropolítica, COVID-19, Pandemia, Necroliberalismo.

ABSTRACT: This paper was constructed in the face of the Brazilian context of being one of the global epicenters of the COVID-19 pandemic in the year 2021, where a series of necropolitical actions aligned with the perverse logic of neoliberalism murder vulnerable portions of our population. Based on Achille Mbembe's concepts,

we can analyze the discourse that articulates the Brazilian health crisis, the demands of the economic elites, the current configuration of the state management of public investments, and understand how the necroliberal logic that goes against the interests of the population is expressed. The invisibilization of vulnerabilities, government corruption, precariousness of health, scrapping of public services, scientific negationism, epidemiological underreporting add up to structural racism in order to normalize, normalize and naturalize the deaths of the poor, black and peripheral population.

KEYWORDS: Necropolitics, COVID-19, Pandemic, Necroliberalism.

EIXO 3 – POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS HUMANOS: INTERVENÇÕES DO ESTADO, MODOS DE NORMATIZAÇÃO DA VIDA E PRÁTICAS DE DISSENSO

Este eixo temático tem como proposta discutir sobre a intervenção do Estado na defesa dos direitos humanos a partir das políticas públicas, sem desconsiderar, no entanto, a importância de refletirmos sobre normatizações produzidas através das políticas públicas, delimitando como devemos agir enquanto sujeitos. Desta maneira, o foco deste eixo é debater implicações psicopolíticas das políticas públicas que visam minimizar as relações de desigualdade presentes nas sociedades contemporâneas, englobando trabalhos sobre:

construção e implementação de políticas públicas; necropolítica; práticas estatais e direitos humanos.

GT 18 | Poder, Territórios e modos de subjetivação: Estado, políticas públicas e direitos humanos no contexto da pandemia

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem objetivo de fazer uma análise do artigo “Direito Universal a Respiração” do filósofo camaronês Achille Mbembe vinculado com a situação política do Brasil. Um ensaio que articula as ciências sociais e os conceitos desenvolvidos por Mbembe com a atual crise sanitária brasileira. De acordo com Senhoras (2020), as epidemias são parte inerente de um mundo cada vez mais globalizado e com alta circulação humana. Elas geram uma série de vulnerabilidades biológicas com potencialidade de se tornarem pandemias globais, o que exige dos Estados Nacionais uma cooperação mútua em prol do fortalecimento da saúde pública internacional. Dentro desse contexto podemos falar do coronavírus que segundo a OMS (2020), em março de 2020 ganhou o status de pandemia ao transpassar as fronteiras do país de origem e ser detectado em diversos países. (apud MELO e RODRIGUES, 2021, p.137). Em abril de 2020, Mbembe começa seu texto *Direito Universal a Respiração* com a fatídica previsão acerca da COVID-19 no mundo:

especialmente nas partes do mundo onde os sistemas de saúde foram devastados por anos de abandono organizado, o pior ainda está por vir. Na ausência de leitos hospitalares, respiradores, exames em massa, máscaras, desinfetantes à base de álcool e outros dispositivos de quarentena para as pessoas já afetadas, serão muitos aqueles que, infelizmente, não passarão pelo buraco da agulha. (MBEMBE, 2020, p.2)

Tais palavras exemplificam muito bem a situação de completa ausência de direitos marcados pela redistribuição desigual da vulnerabilidade em que a população brasileira vive durante a pandemia de COVID-19. Diante a emergência de saúde podemos ver como através das políticas públicas, discursos ideológicos e a gestão de investimentos deste governo há uma forte articulação necropolítica, de modo que a precarização das condições se agravam proporcionalmente a maior nível de vulnerabilidade da população.

NECROPOLÍTICA, RACISMO E CORONAVÍRUS

De um ponto de vista da periferia, Achille Mbembe desenvolve sua teoria da necropolítica, na qual analisa e critica as perversidades do capitalismo neoliberal da atualidade. São avaliados os limites do funcionamento dos dispositivos foucaultianos, onde a noção de necropolítica pode ser considerada como uma progressão lógica das políticas capitalistas, em que seu sistema passa a descartar massas humanas em larga escala por serem dispensáveis no modo de reprodução e produção de riqueza: a destruição material dos corpos humanos, taxando indivíduos e populações como portadores de vidas

matáveis. Então, nas palavras de Mbembe (2018a), o Estado se comprometeria a “civilizar” os modos de matar e atribuir objetivos racionais ao ato de matar em si: “destruição máxima de pessoas e da criação de ‘mundos de morte’, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de mortos-vivos” (MBEMBE, 2018)

Apesar de o vírus, a primeira vista, parecer frear o projeto de extensão infinita do mercado que transforma humanos em dispositivos plásticos, tendo como consequência as destruições de ecossistemas, o consumo desenfreado, a globalização e as ações nefastas das empresas que visam o lucro acima de tudo, ao analisarmos mais profundamente vemos que seu impacto se mostrou muito mais prejudicial a camadas específicas da sociedade. Mbembe (2020) nos alerta que ao nos concentrarmos naqueles que morreram podemos encontrar a característica distintiva de qualquer tempo a “cor”. Podemos logo comentar que qualquer discurso que diga que há um caráter democrático no vírus é falacioso, pois o racismo reforça a fragilidade das comunidades negras, pobres e periféricas.

Enfatizamos que a necropolítica de Estado, potencializada pelo racismo estrutural que baliza nossa sociedade, não foi arrefecida pela errônea leitura de que o vírus teria um caráter democrático ao atingir ricos ou pobres, brancos ou pretos. Pelo contrário, o contexto tem revelado que ações necropolíticas e racistas foram aprofundadas. A necropolítica aparece justamente no fato de que o vírus não afeta a todos de maneira igual. (MELO, 2021, p.135)

Este é um claro pronunciamento de como sistema capitalista se funda na distribuição desigual de oportunidade de viver e morrer, as escalas de risco para os indivíduos negros são bem mais elevadas graças as desigualdades de acesso as condições básicas de sobrevivência devido a má gestão por parte do governo dos recursos públicos. Num sistema vil de retroalimentação, a necropolítica é aprofundada pelas discrepâncias sociais ocasionadas pelo racismo, que por sua vez amplia as diferenças entre as classes. Podemos inferir sobre caso brasileiro que segundo as análises de Vandenberghe e Véran (2020) e de Melo e Rodrigues (2021), a síntese das práticas neoliberais, autoritárias e profascistas do Governo Bolsonaro potencializa a necropolítica do Estado. Nas palavras de Santos (2020), a pandemia de COVID-19 apenas agrava a situação já muito instável das populações vulneráveis ao redor do mundo. As ordens para execução das ações necropolíticas mostra a distância entre os governantes e a população, os políticos não se dão conta da realidade da morte de outrem, da putrescibilidade alheia pois não a contemplam como possibilidade real em seu cotidiano. Então o vírus escancara o projeto de poder de morte por meio do corpo da espécie humana, em seus pilares: a falha do processo de transformar este em corpo-objeto; o racismo nas políticas do poder público e a crise permanente estrutural do capitalismo que legitima a degradação dos direitos humanos. Algo bem explicado nas elocuições de Santos (2020), algumas vulnerabilidades sociais que estavam presentes antes da crise sanitária foram amplamente agravadas com o fortalecimento dela. As medidas

de distanciamento e isolamento social colocaram em evidência problemas estruturais que vitimam grupos específicos, contradizendo a ideia de que o vírus e os seus desdobramentos atingiam igualmente pessoas de qualquer classe social, gênero ou raça.

Em geral, a América Latina é composta por países que não conseguiram formar boas bases estruturais de políticas públicas que promovam a inclusão social de grande parte da população em conjunto com seu desenvolvimento econômico. Segundo Melo e Rodrigues (2021), a pandemia concretiza o entendimento de que as políticas públicas podem significar maior ou menor agravamento das condições de vulnerabilidade sociais para os grupos mais desamparados da sociedade, em especial, para a população negra. Há dados que demonstram a maneira o qual o Governo Bolsonaro vem lidando de maneira inexorável com o povo. O trecho abaixo corrobora com tais afirmações:

(...) agenda de austeridade reflete na maneira como o país vem gestando os investimentos públicos em prol da emergência sanitária, de modo que, dentre as dez maiores economias mundiais, o Brasil mobilizou o percentual mais baixo de seu PIB (11,2%) no enfrentamento a COVID-19. (MELO e RODRIGUES, 2021, p.144)

Uma clara contraposição dos seus discursos de aumento do gasto estatal e da diminuição das políticas fiscalistas do governo.

(...) evidencia-se a oposição entre um discurso claramente economicista, que privilegia o bom andamento da máquina econômica, em detrimento dos efeitos deletérios que possam gerar na saúde pública e vida da população, especialmente a de baixa renda; e outro que se pretende humanista ao colocar a vida humana, numa escala de importância, acima de quaisquer efeitos econômicos negativos. (DA SILVA, 2020, p. 362)

Os recursos disponíveis são utilizados para outros fins que não tem o propósito de beneficiar a população, mas sim proteger o mercado e a economia acima da vida humana. A lógica neoliberal do estado brasileiro acentua a ação do poder sobre a vida e a morte das pessoas. Alinhada a normalização do racismo na política brasileira as intervenções do Estado visam decidir quem morre, as maneiras que morrem e os mecanismos que definem como as pessoas deverão morrer. Segundo Foucault (2014), a biopolítica se expressa nos mecanismos que calculam os riscos dos processos biológicos e o controle das operações do corpo que visam regular e intervir no controle da população ordenando as suas funções - que pode ser exemplificada por Hilário (2014): “aqui se trata de produzir a vida também, mas de produção de vida em coletividades”.

O poder disciplinar centra-se no corpo do indivíduo, de modo a extrair dele docilidade e produtividade. Por sua vez, nas formas de expressão do biopoder, o campo de incidência do poder passa a ser a população, tomada como um conjunto de elementos dotados de regularidades e constâncias (FOUCAULT, 2006, p. 100)

Então, o alinhamento da teoria de Foucault e Mbembe é o uso do poder social e político para ditar as formas que as pessoas podem viver, gestão das variáveis que incidem

sobre a vida humana e a gerencia das maneiras que as pessoas devem morrer.

É, portanto, em nome da defesa da população, tomada em seu caráter biológico (defesa da espécie, da vida, da raça) que o Estado exerce seu poder de morte (por meio das guerras, por exemplo) ou, mais cotidianamente, faz a gestão da vida e da morte, por meio dos cálculos de fecundidade, natalidade, morbidade, mortalidade etc. e das ações que incidem diretamente sobre tais fenômenos. (DA SILVA, 2020, p.365)

Quando o Presidente Bolsonaro defende o fim do distanciamento social; retomada do trabalho; não utilização de máscara; o falso tratamento precoce de COVID-19; descrédito e desincentivo à vacinação ele está causando pragmaticamente a morte. Nesse contexto de ação, o Governo Bolsonaro está seguindo o preceito do neoliberal de Foucault (2014), a lógica do capitalismo opera segundo uma lógica que seleciona aqueles que podem ser descartados. Segundo Vandenberghe e Vérán (2020), é preciso acreditar que a guerra biológica é a continuação da política econômica e que os mortos alimentam oportunamente suas reformas. Nos territórios periféricos é onde os efeitos da necropolítica são mais visíveis e causam menos comoção social, pois são acompanhados de um discurso de segurança pública e um sentimento de merecimento, precisamente exemplificados por Mbembe (2018). O capitalismo produz zonas de exclusão e de morte dos não mais “necessários” para o mercado, verdadeiro estado de exceção, utilizado para gerenciar e se livrar dos corpos que o sistema capitalista não consegue absorver. Uma das formas que a necropolítica age sem matar diretamente é não fornecer o cuidado e tratamento aos doentes, demonstrado pela maior porcentagem de óbitos de pretos e pardos em relação a população branca indicada pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), da PUC-Rio segundo Da Silva (2020); e negar auxiliar nas condições básicas de sobrevivência como por exemplo foi a má distribuição e os investimentos hipossuficientes no auxílio emergencial. A ação não isonômica da agenda do Estado potencializou os efeitos nefastos da pandemia, pois é a negligência total com as vulnerabilidades e as demandas específicas da periferia. Essas ações de caráter atroz visam justamente cobrir as margens da sociedade num plano Necroliberal.

O privilégio dado a economia em detrimento das vidas humanas e condições básica de civilidade é chamado “economia necropolítica” e é ilustrado:

(...) ao tratamento dado aos problemas econômicos relacionados à pandemia da Covid-19, levando em conta a gestão da vida e da morte e seu peso na gestão da produção e distribuição de riquezas. A economia política, desidratada em seu conteúdo social, político e histórico e “enjaulada” pelos pressupostos neoliberais do livre mercado, aponta para um tipo de gestão do Estado em que se sobressai a governança econômica em detrimento dos efeitos sociais nefastos que essa possa gerar no contexto de crise. Quando avaliamos o cenário em que se dá tal gestão, trata-se de um problema morbidamente prático. Poderíamos talvez falar em economia biopolítica da pandemia, mas falamos em necro para evidenciar a naturalização, e até normatização da morte, caracterizada por um ponto de vista neoliberal” (DA

A vida dos trabalhadores, seus empregos e segurança sanitária da população concorrendo diretamente contra os interesses da economia capitalista, dos donos dos meios de produção, circulação e distribuição de mercadorias. Uma supervalorização da economia onde a reprodução dos interesses particulares esteja acima do interesse geral com a pauta argumentativa de defesa da propriedade privada e do livre-mercado sobrepujando o bem-estar comum: “Que alguns (muitos) possam vir a morrer é o preço pago para a manutenção da ordem econômica.” (DA SILVA, 2020, p.369) “(...) e a manutenção da instrumentalização do outro; da utilização do outro em benefício de interesses pessoais, em detrimento do bem-estar ou não do resto da sociedade” (DA SILVA, 2020, p.369). O custo humano se transforma num elemento ingrediente natural da economia neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia desvendou que o Estado Brasileiro é um assassino, ora provocando diretamente a morte de indivíduos subalternizados, ora mal gerenciando a distribuição de riqueza de forma a fazer morrer alguns. A crise sanitária evidenciou as falhas e insuficiências da arquitetura do capitalismo financeiro que explora ao limite as camadas mais baixas da população e quando elas não são mais úteis as descartam. Em nome do lucro, o sistema se utiliza do Estado para cortar investimentos sociais, privatizar e promover desmontes de instituições e do serviço público. O modelo de Governança Neoliberal em vigência é um modelo falido do ponto de vista da justiça social e ambiental, marcado pela austeridade, degradação dos direitos humanos e naturalização da morte do outro: “(...) para nossa própria sobrevivência, é imperativo restituir a todo vivo (incluindo a biosfera) o espaço e a energia de que precisa.” (MBEMBE, 2020, p.8)

Mbembe nos convoca a luta pelo direito universal a respiração:

“Se houver guerra, portanto, ela não será contra um vírus em particular, mas contra tudo o que condena a maior parte da humanidade à cessação prematura da respiração, tudo o que ataca sobretudo as vias respiratórias, tudo que, durante a longa duração do capitalismo, terá reservado a segmentos de populações ou raças inteiras, submetidas a uma respiração difícil e ofegante, uma vida penosa. Para escapar disso, contudo, é preciso compreender a respiração para além de seus aspectos puramente biológicos, como algo que é comum a nós e que, por definição, escapa a todo cálculo. Estamos falando, portanto, de um direito universal à respiração. Como aquilo que é a um só tempo fora do solo e nosso solo comum, o direito universal à respiração não é quantificável. Não pode ser apropriável. É um direito em relação à universalidade não só de cada membro da espécie humana, mas do vivo como um todo. Deve, portanto, ser entendido como um direito fundamental à existência. Como tal, não pode ser objeto de confisco, e escapa à toda soberania porque sintetiza o princípio da soberania em si mesmo.” (MBEMBE, 2020, p.9-10)

O projeto de mudança está em novas formas atuação políticas e perspectivas populares descolonizadas que não se orientem pela racionalidade da elite e tenha como objetivo formar redes de solidariedade que não só pressionem o poder público, mas que auxiliem numa parceria conjunta a criação de condições mínimas necessárias de suporte às populações vulneráveis – a ultrapassagem das fronteiras da solidariedade imediata para a formação de uma solidariedade social capilarizada. Nas palavras de Mbembe (2014) acerca de Fanon (2005) uma comunidade descolonizada, em que os subalternos, movimentos sociais, populares etc., reivindicam formas não institucionais de participação e integração social, em que a riqueza e o conforto não sejam concretizados instrumentalizando o outro, mas em parceria com o outro.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Alexandre. **A população negra e Covid-19: crises e conflitos pelo direito de respirar**. ABEP. 2020.

DA SILVA, Marcelo Martins; DA SILVA, Eliane Alves. **O Brasil frente à pandemia de COVID-19: da bio à necropolítica. Confluências** Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 22, n. 2, p. 361-383, 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo**. Psicologia, v. 26, n. 3, p. 877-900, 2014.

FANON, Frantz **Pele negra, máscaras brancas**. 1ª. Edição 1951. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1ª. Edição 1961. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

Vandenberghé, Frédéric; Véran, Jean-François. **Fios do Tempo. O autoritarismo desconfinado de Jair Messias Bolsonaro** – por e. Ateliê de Humanidades. Disponível em: <<https://ateliêdehumanidades.com/2020/05/22/fios-do-tempo-o-autoritarismo-desconfinado-de-jair-messias-bolsonaro-por-frederic-vandenberghé-e-jean-francois-veran/>>.2020

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **É preciso defender a sociedade**. Curso do Collège de France (1975-1976). Tradução de Carlos Correia M. de Oliveira. Lisboa: Livros, Brasil, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Seguridad, território, población**: curso en el Collège de France: 1977-1978. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2006. p. 485.

MBEMBE, Achille. (2018 a). **Necropolítica**. N-1 Edições.

MBEMBE, Achille.(2018b). **Crítica da Razão Negra**. N-1 Edições.

MBEMBE, Achille. (2018c). **O Fardo da Raça**. N-1 Edições. Série Pandemia. Tradução de Sebastião Nascimento.

MELO, André de Oliveria Sena; RODRIGUES, Mariana Nogueira. **Pandemia e Estado Necropolítico: um ensaio sobre as Políticas Públicas e o agravamento das vulnerabilidades da população negra frente ao COVID-19**. Revista Fim do Mundo, n 4, p. 133-154, 2021

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020

SENHORAS, Eloi Martins. **Coronavírus e o papel das pandemias na história humana**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 1, n. 1, p. 31-34, 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 50, 54, 57, 58, 60, 61

Adolescentes 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 102, 108, 183

Auto da Compadecida 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12

Autoestima 89, 91, 92, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110

B

Bibliometria 14, 16, 17, 19, 23, 24, 25

C

Carnavalização 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Comicidade 1, 3, 4, 5, 7, 11, 12

Contextos externos 89, 107

COVID-19 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 55, 56, 59, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 85, 87, 161, 177

Cultura 2, 4, 5, 7, 12, 13, 35, 49, 57, 89, 90, 91, 102, 103, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 130, 133, 158, 161, 192, 206, 216

D

Decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Deslocamento 68, 111, 117, 206

DSM-V 196, 197, 199, 203, 206

E

Educação formal 156, 171

Educação informal 156

Educação não formal 156

Envelhecimento 122, 124, 125, 132, 133, 136, 137

Equipe de contabilidade 185, 186, 187, 193

Espiritualidade 86, 174, 176, 183, 184

Estado 6, 15, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 65, 66, 70, 72, 91, 93, 94, 116, 123, 124, 136, 140, 145, 146, 147, 148, 150, 153, 156, 160, 164, 168, 169, 177, 200, 202

F

Feminismo decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Fenomenologia 85, 174, 184

I

Identidade 5, 29, 91, 97, 102, 109, 117, 122, 127, 129, 131, 136, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 178, 181, 182, 198, 207

Idosos 40, 65, 102, 108, 110, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Instituições de longa permanência 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 134, 135, 136, 137

Intervenção 39, 42, 57, 107, 138, 142, 146, 149, 179, 212

Isolamento social 38, 39, 45, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 65, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 106, 126, 134

K

Kurt Lewin 26, 27, 28, 29, 31, 34

L

Lazer 36, 52, 57, 68, 76, 77, 81, 86, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 132, 136

Liderança 26, 31, 32, 185, 193

M

Manifestações 1, 5, 6, 7, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 58, 91, 175

Moradia 36, 122, 123, 125, 135, 137, 164

Morte 35, 40, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 64, 75, 82, 85, 100, 124, 129, 130, 137, 139

Mulher afrodescendente 89, 92, 97, 106, 107, 109

N

Necroliberalismo 42

Necropolítica 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49

P

Pandemia 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 161, 177, 193, 200, 214

Personalidade 29, 33, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Poder popular 26, 28

Práticas cotidianas 156, 170

Prisões 126, 130, 136, 138, 140, 144, 146, 147, 150

R

Refugiados 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Reintegração social 111, 114, 120, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Religiosidade 152, 174, 176, 180, 182, 183, 184, 195

Resistência política 1

S

Saúde emocional 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72

Saúde mental 32, 33, 62, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 81, 84, 85, 124, 137, 140, 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 211, 212

Segurança pública 46, 55, 140, 150, 156, 172

Sistema prisional 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Soberania 15, 27, 35, 36, 37, 40, 47

Sociologia 12, 48, 150, 196, 197, 198, 207

T

Teste palográfico 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 195

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 196, 197, 199

U

Universitários 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73

V

Vazio existencial 74, 75, 76, 80, 83, 84, 86

Velhice 122, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 134, 136

Vida 3, 6, 7, 8, 15, 27, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 57, 63, 65, 66, 68, 71, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 98, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 147, 153, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 187, 190, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 208, 209, 213, 214

Violência contra crianças e adolescentes 50, 52, 53, 57, 59

Violência sexual infantil 50, 61

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



Atena
Editora
Ano 2022

A psicologia no Brasil:

Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



Atena
Editora
Ano 2022